

## Sistema Colonial

---

A seguir, representação com as colônias europeias na América. (Fonte: [www.wikimedia.org](http://www.wikimedia.org))



### Dividindo e explorando o mundo

Logo após seu descobrimento, a América foi repartida pelos europeus afim de ser explorada, cada novo local era espoliado e suas riquezas eram transportadas até a Europa. O século XV foi o momento de enriquecimento dos países europeus (a palavra países é utilizada a título de simplificação, pois, sabe-se que nessa época eram reinos, em sua maioria), mediante exploração. Os principais beneficiados foram, em menor grau Holanda e França e, de maior forma, Portugal, Espanha e Inglaterra. Isso tudo só foi possível por causa da mudança do eixo econômico, das rotas comerciais: se o trânsito de mercadorias estava fechado, no Mediterrâneo, pelos árabes, a saída pelo Atlântico representou uma mudança total no eixo do poder global. Cada novo local do qual se apossavam os europeus era considerado como terras daquele país descobridor, como se não houvesse povos no lugar, como se o mundo pudesse ser demarcado por quem quisesse. Porém, os europeus valeram-se de armas e força para demarcar cada ponto da

América como sendo território seu.

A divisão da América entre ingleses, portugueses e espanhóis irá revelar os porquês de cada situação dos países: isso, claro, levando em conta a mistura entre a cultura européia e a local, o choque de culturas promoveu um híbrido que, no decorrer do tempo, foi formando a cara geográfica dos atuais países... da mescla do novo com o velho, do estrangeiro com o nativo. Esses países empreenderam atividades diferentes e organizações diferentes, porque os locais eram diferentes e tinha recursos diferentes a serem explorados, essa mistura entre o que era nativo e o que era estrangeiro é o que configura a atual situação dos países, e explica muito das diferenças de um lugar para outro. Explica a questão das diferentes línguas, costumes, religiões e mesmo das paisagens humanas: a América Anglo-Saxônica (EUA e Canadá) foi colonizada por ingleses e por uma minoria de franceses, por isso, apresenta aspectos particulares se compararmos com a América Latina, não apenas pela língua, mas, também, pela situação socioeconômica; o Brasil diferencia-se do restante da América Latina pelo idioma, devido à colonização portuguesa, diferente da colonização espanhola que foi praticada em outros países. Os habitantes nativos, à época da chegada dos europeus, apresentavam costumes e idiomas diferentes, a diversidade era altíssima, mas logo se tratou de generalizar, os costumes, então, passaram a ser europeus. Falamos línguas européias como o português e o espanhol, cremos em religiões européias, como a católica, nos vestimos como europeus e, na maioria das vezes, pensamos como europeus, achamos bonito a ostentação européia e vemos nossos indígenas como um povo atrasado, quando na verdade, simplesmente, fazem parte de uma cultura diferente.

É interessante observar que os traços de uma moral religiosa influenciam no comportamento de uma sociedade, até porque as pessoas são educadas dentro de certos parâmetros morais e isso fica grifado no comportamento social. Se diferenciarmos, por exemplo, como a moral católica educa uma nação e como outras religiões procedem o mesmo ato, acabaremos por fazer inferências importantes. Nos EUA, há grande influência do Protestantismo, que tem, como uma de suas características, a ideia de que o trabalho árduo é recompensado, por Deus, pela formação da riqueza. Já a Igreja Católica, procede um discurso de que o excesso de riquezas é pecado, a cobiça deve ser desaconselhada, logo uma vida simples e penitente deve ser estimulada. O catolicismo é a religião de boa parte da América Latina e esse espírito de aceitação está, de certa forma, entranhado em nossa educação. Não criemos um determinismo religioso para o comportamento social, mas saibamos que há muito da religiosidade em nosso comportamento, por mais que não sejamos praticantes.

Talvez possamos ver nossos problemas e conflitos latino-americanos como um

choque de culturas, um fantasma que ainda nos assombra, moramos em países pobres, de uma pobreza explicada pela exploração e pelos contratos mal feitos, mas temos uma mentalidade européia, somos nossos próprios inimigos, pensamos com a cabeça do carrasco, os países pobres competem entre si (e isso interessa ao europeu, pois, nos enfraquece), ao invés de se unirem e buscarem algo melhor. Queremos ser cópias de um padrão europeu, com uma educação, uma política e uma economia baseada no sistema europeu, e isso só pode gerar conflito, pois, não somos europeus, assim sendo, a prática de importar comportamentos tende a gerar conflitos internos.

### Como a Espanha explorou suas colônias?

A Espanha organizou as terras que lhe cabiam, além-mar, como se estivesse subdividindo terras que ficavam na Europa, pois, essas terras novas, agora eram a Espanha. Dividiu as novas terras em Vice-Reinos (obviamente, o reino era a Espanha) e em Capitania Gerais. Chamava-se Metrópole os centros europeus para onde iam os recursos explorados nas colônias, que eram os lugares descobertos e explorados pelos europeus, e essa relação era respaldada e legalizada, como se fosse um acordo comercial, como se a colônia fosse zona rural dos reinos europeus, e a cidade fosse o próprio reino. Os recursos desenvolveram e enriqueceram as metrópoles, enquanto as colônias foram sendo cada vez mais empobrecidas: os nativos eram obrigados a trabalhar até a exaustão, como escravos, o que promoveu a morte de milhões, por cansaço, essas mortes logo fariam com que a mão-de-obra ficasse escassa e obrigasse o europeu a importar escravos africanos. Talvez devêssemos pensar se não ocorre uma relação parecida com a relação “colônia-metrópole”, ainda hoje, quando sabemos que exportamos produtos primários (agrícolas e minérios) e importamos artigos de produção mais tecnicada e, diga-se de passagem, com um preço mais elevado. Não estaria, ainda, a relação “colônia-metrópole” ocorrendo, mas sob outras vestes?

O serviço de exploração se dividiu em duas frentes: as “encomiendas”, que consistiam no trabalho rural, em fazendas, destinando os produtos para a metrópole, onde os “encomenderos” eram os responsáveis por administrar esses locais, e enriqueceram muito com essa prática; e as “mitas” que era o trabalho nas minas, a busca pelo metal na época era incrível, para cunhagem de moedas, que representavam a riqueza de um país. Lembremos que o “metalismo”, riqueza de um país medida pela quantidade de metal para cunhar moedas, fazia parte da realidade do Mercantilismo. Seja qual for a modalidade, a exploração é sempre muito marcante, como o caso da prata no

México e na Bolívia, onde milhões de nativos morreram de cansaço e doenças, relativos ao trabalho pesado e às péssimas condições de vida.

A sociedade foi dividida e hierarquizada, com os europeus como a classe dominante e alguns nativos, donos de terras, trabalhando em favor desses europeus, com pequenos privilégios. Esses nativos com algumas regalias são o princípio das elites locais, nos países sul-americanos. O restante era de pessoas subordinadas a um serviço pesado e sem direito algum. Essa sociedade, foi obrigada a adotar o catolicismo, estando, também, sob as regras da Igreja, tendo que aceitar seus preceitos e dogmas.

### América Inglesa

Alguns ingleses com problemas de conflitos religiosos migraram de seu país para a costa atlântica da América do Norte, viajaram para habitarem e constituírem-se, naquela nova terra. Mas não foram esses os únicos a irem para lá, muitas empresas inglesas vieram a fim de explorar alguns recursos e enviar para a metrópole. Algumas ilhas da América Central foram exploradas com cultivos de produtos tropicais, para que essas mercadorias chegassem para o consumo dos habitantes da Inglaterra.

A costa leste da América do Norte foi dividida em treze colônias que foram, novamente, classificadas para dois fins distintos: a metade norte ficou com a função de povoamento (atualmente é onde se localizam cidades como Massachussets e Nova York), cabe ressaltar que essas colônias não apresentavam o mesmo regime mercantilista de trabalho, uma vez que, os próprios colonizadores trabalhavam buscando desenvolver o lugar e ascender economicamente; e as quatro colônias da metade sul ficaram destinadas à exploração (Virgínia, Carolina do Norte e do Sul, e Geórgia), essa ficou bastante enquadrada no regime mercantilista, pois, adotou a estreita relação com a metrópole e utilizou o trabalho escravo, importando negros da África, isso promoveu uma sociedade dividida racialmente. A metade norte desenvolveu uma agricultura de subsistência, primeiramente. Somente mais tarde passa a desenvolver a prática do comércio e a expandir seus centros urbanos, apostando na atividade dos setores secundário e terciário. Além disso, o clima temperado também não ajudava na prática de alguns plantios dos quais precisavam algumas metrópoles européias, que necessitavam de produtos típicos de clima tropical, já que o clima temperado também prevalecia na Europa. Já a metade sul, desenvolveu a agricultura de “plantation”, que é pautada na produção em áreas muito extensas, com mão-de-obra escrava, voltada para a exportação, semelhante ao que aconteceu com a cana-de-açúcar no Brasil.

Essa divisão “norte-sul” na configuração da ação nas colônias pode explicar o motivo pelo qual a metade norte dos EUA, até os dias atuais, é destinada à indústria e ao comércio, e apresenta uma infraestrutura urbana bastante desenvolvida; enquanto que a metade sul é voltada a práticas rurais, com propriedades de grandes extensões.

Um fato que ajuda a explicar a independência dos EUA é a prática do “self-government”, durante o século XVII. Essa prática concedia aos colonos a oportunidade de gerirem os locais que viviam através de suas próprias leis, que eram decididas em reuniões comunitárias. Esse estágio evoluiu para a prática de revoltas de independência em relação à Inglaterra e a criação do regime federalista que, por fim, culminou na independência dos Estados Unidos da América.

### A Exploração Portuguesa sobre a América

Portugal apostou no plantio e exportação de cana-de-açúcar no Brasil, pois, era um produto extremamente valorizado na Europa. Para tal empreitada, o reino tratou de organizar uma administração eficiente, que fizesse com que a atividade fosse bastante regrada e gerasse o máximo de lucro possível à Nobreza. Para conseguir uma boa administração, os reinos atribuíram o poder a quem detinha uma grande parcela de terra, pode-se dizer que o poder estava voltado ao tamanho da propriedade, dessa forma foram-se formando elites locais de latifundiários (esse é o princípio das elites locais, basicamente formada por oficiais portugueses). É interessante notar que em algumas cidades do meio rural, a influência política dos coronéis é grande até hoje, e muitos conflitos nascem nesse âmbito, sempre que o poder do coronel é posto em cheque, a violência se faz sentir (exemplos: algumas fazendas do nordeste e norte do país, algumas estâncias do Rio Grande do Sul).

Capitanias Hereditárias é como foi chamada a prática de concessões de terras a oficiais portugueses, com o intuito de habitar e assegurar a posse das terras frente ao assédio de outros países europeus. As terras continuavam pertencendo ao reino, porém, os “proprietários” ganhavam prestígio com a posse das terras e adquiriam poder local, além de ganhar uma parte do lucro. Esse sistema foi lucrativo para Portugal, uma vez que quem arcava com as dívidas era o “proprietário” da terra (o capitão donatário), ficando o reino somente com o produto e com o lucro de sua posterior venda. Essa manobra permitiu assegurar as terras em posses de portugueses, lucrar e desenvolver uma elite local, que brigava pelos direitos do reino ao lutar pelos seus próprios direitos.

O sistema de capitanias hereditárias não durou muito tempo, pois o controle das

propriedades passou a ficar complicado, porque os “donos” de terras tinham independência na forma de agir e não havia um padrão, assim os proprietários começaram a sabotar o sistema, além de distribuir sesmarias (partes das capitâneas distribuídas para terceiros), o que compartimentava ainda mais o poder. Com essa queda da organização, Portugal implantou o Governo Geral, que primou por um controle mais rígido das relações na colônia (Brasil). Nesse período (século XVI), o controle foi restituído, muitas revoltas de capitães donatários foram abafadas, bem como conflitos com índios foram vencidos, a batalha contra os franceses e a retomada do Rio de Janeiro (que tinha sido invadida pelos franceses). A introdução de escravos negros no serviço data dessa época e ajudará os donos de terras a ganharem cada vez mais respeito e dinheiro, tanto que em um certo momento a riqueza dos coronéis era medida pela quantidade de terras, bois e escravos que possuía.

É interessante observar que esses jogos de poder entre as elites locais vão, pouco a pouco, desenhando as fronteiras entre os estados no Brasil, é esse jogo de forças, também, que definirá a influência histórica de algumas famílias, a herança política deixada de pai para filho. A pobreza é histórica, tal qual o poder de outras famílias, assim, algumas injustiças e explorações são muito difíceis de serem reparadas. O caso dos negros e dos indígenas é um exemplo marcante, as oportunidades são muito desiguais para quem nasce rico e pobre, portanto, se isso é passado por gerações, quem possui benefícios (já nascendo com eles) já parte de uma posição privilegiada, ficando muito difícil reverter essa situação. Se pensarmos na atualidade, veremos que as políticas afirmativas se inserem por causa dessa injustiça histórica, para tentar tornar as coisas mais equilibradas; porém, sabe-se que reformas de base são necessárias, se a intenção é construir uma sociedade com igualdade de oportunidades.

A independência do Brasil e o fim da escravidão devem ser vistas como conquistas, mas não se pode perder o foco no jogo de interesses que gravita em torno desses acontecimentos. Quando os imigrantes estrangeiros começam a chegar ao país e a mão-de-obra assalariada difunde-se pelo mundo, existe um sistema novo que deve ser influenciado, além do mais, manter um escravo era muito mais caro do que pagar um baixo salário para um trabalhador qualquer, por exemplo. Portanto, é importante imaginar que o fim da escravidão teve o apoio dos próprios donos dos escravos. Com o fim da escravidão, muitos negros ficaram sem trabalhar, e esse quadro foi crescendo com o tempo, sem que houvesse uma satisfatória inserção, do negro, na sociedade, em condições de disputar seu espaço com o branco. No âmbito social, essa é uma questão que ainda deixa marcas na sociedade (pobreza e desigualdade históricas). A independência foi fortemente influenciada pela Inglaterra, que já não via com bons olhos

o monopólio português. Além disso, as elites locais articularam, juntas à Dom Pedro I, a independência como forma de livrarem-se da subserviência tanto tributária quanto política ao reino de Portugal.

É importante perceber as transições que pontuam a história. O início da escravidão negra, no Brasil, coincide com a escassez de trabalhadores escravos nativos, que morreram, devido às péssimas condições de vida que tinham. Já, o fim da escravidão negra, tem seu fim com a influência da Inglaterra e o apoio que esse país dá à difusão do Sistema Capitalista. Logo, se não há trabalho assalariado, não há lucro oriundo da relação trabalho-salário, e se não há lucro dessa relação, não há Capitalismo. O consumo também fica a perigo, se não há o dinheiro posto na mão dos pobres, para que esses também sejam consumidores. Assim, é importante que se perceba o fato, mas a atmosfera que motiva o fato é de igual importância, dentro do estudo da história.